

MUSICOLOGIA, CULTURAL STUDIES E, “CULTURAL ANALYSIS” NOVOS PROBLEMAS DE EUROCENTRISMO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

*Antonio Alexandre Bispo**

RESUMO

As Ciências Humanas ou, na Alemanha, Ciências do Espírito, encontram-se, no presente, em vários centros universitários da Europa, em processo de profundas transformações. Essa renovação caracteriza-se por uma reorientação do pensamento em direção a desenvolvimentos do mundo anglo-saxão, voltando-se sobretudo às possibilidades teóricas e à abertura de novos campos de interesse que resultam do “Cultural Studies” de proveniência britânica e norte-americana. Também na Musicologia fazem-se sentir essas tendências inovadoras e que levam, muitas vezes, a debates polêmicos. As divisões da disciplina em Musicologia Histórica, Etnomusicologia e Musicologia Sistemática passam a ser criticadas a partir de posições baseadas na Culturologia. Sobretudo a Musicologia Histórica é alvo de críticas, uma vez que ela continua a manter, de forma conservadora, modelos e direções da pesquisa do passado, tais como interesse primordial por edições críticas de partituras, biografias e análise de obras. A ela se faz a crítica de ter cunho eurocêntrico. Também a Etnomusicologia procura orientação segundo o “Cultural Studies” e se dedica cada vez mais a questões da Música Popular e da “World music”. Nos últimos anos, porém, levantam-se críticas contra os “Cultural Studies”. Entre elas se conta a “Cultural Analysis”, uma direção de pesquisa centralizada em Amsterdam. Um estudo pormenorizado dos conceitos teóricos dessa proposta a partir da perspectiva do Brasil revela, porém, problemas que poderiam também ser criticados como expressões de atitudes eurocêntricas.

PALAVRAS-CHAVE

musicologia, estudos culturais, análises culturais

* Professor doutor de Musicologia das Universidades de Bonn e Colonia, Alemanha.

ZUSAMMENFASSUNG

Musikwissenschaft, “Cultural Studies” und “Cultural Analysis” Neue Probleme des Eurozentrismus im Zeitalter der Globalisierung. Die Geistes- bzw. die Humanwissenschaften befinden sich in der Gegenwart in vielen Universitätszentren Europas in einem Prozeß tiefgreifender Wandlung. Diese Erneuerung ist durch eine stärkere Orientierung an Entwicklungen der angelsächsischen Welt gekennzeichnet, die theoretische Möglichkeiten und neue Interessenfelder in der Tradition der “Cultural Studies” britischer und nordamerikanischer Provenienz versprechen. Auch in der Musikwissenschaft sind Erneuerungsbestrebungen festzustellen, die zuweilen zu polemischen Debatten führen. Die Einteilung der Disziplin in Historische Musikwissenschaft, Musikethnologie und Systematische Musikwissenschaft soll durch Interdisziplinarität und Anlehnung an die Kulturwissenschaft überwunden werden. Vor allem die Historische Musikwissenschaft ist Ziel der Kritik, da sie in ausgeprägt konservativer Weise an überkommenen Modellen und Forschungsrichtungen festhält: Aufdeckung und kritische Edition von Partituren, Biographik, Werkanalyse u.a. Ihr wird auch der Vorwurf gemacht, sie sei eurozentrisch geprägt. Die Musikethnologie bemüht sich ebenfalls um eine Orientierung an den “Cultural Studies” und widmet sich z.B. zunehmend Fragen der Populärmusik und der World Music. In den letzten Jahren sind aber auch Kritiken an den “Cultural Studies” laut geworden. Zu den kritischen Theoretikern gehören Vertreter der “Cultural Analysis” aus der Amsterdamer Schule. Eine eingehende Auseinandersetzung mit den theoretischen Konzepten dieser Forschungsrichtung aus der Perspektive Brasiliens offenbart jedoch Probleme, die ebenfalls auf eurozentrische Sichtweisen hindeuten.

SCHLÜSSELWÖRTER

musikwissenschaft, “cultural studies”, “cultural analysis”

As presentes reflexões partem de experiências realizadas pelo autor como professor de musicologia nas universidades alemãs de Bonn e de Colonia. Após duas décadas dedicadas sobretudo a pesquisas de culturas musicais não-européias, à frente do departamento de etnomusicologia de um instituto

internacional de investigações científicas,¹ vem, na atualidade, participando ativamente dos esforços destinados à renovação teórica da musicologia e do seu ensino universitário. Nesta atividade, tem organizado e dirigido seminários de cunho inter- e transdisciplinar, dedicados a temas como “Gender Studies”, “Cultural Studies” e “World-Music”, alguns deles tratados pela primeira vez a partir de uma perspectiva musicológica. Já o uso do inglês na denominação desses cursos indica uma das características mais evidentes das tendências renovadoras na musicologia alemã do presente: a sua orientação segundo conceitos, aportes teóricos, metodologias e práticas de determinados círculos do mundo de língua inglesa, sobretudo, naturalmente, dos Estados Unidos.

A renovação da musicologia alemã, cuja necessidade já vem sendo sentida há muito tempo, deve ser vista naturalmente a partir dos pressupostos e das contingências do próprio país. Ela adquire, porém, uma relevância que ultrapassa fronteiras e que convém também ser levada em consideração no Brasil. Esse significado é devido, em grande parte, à posição ainda sobressalente da Alemanha na musicologia internacional, sobretudo européia, fato explicável pela história da disciplina e fundamentado no considerável número de instituições de pesquisa e de ensino, de publicações, de eventos e de especialistas na matéria. Os debates teóricos de reorientação da disciplina repercutirão certamente em outros países, levando à difusão maior de certas correntes do pensamento musicológico e influenciando fundamentalmente o futuro desse ramo científico. Apesar de todas as novas perspectivas que se abrem, há aspectos questionáveis nesse desenvolvimento e que devem ser considerados com especial atenção em países como o Brasil. O Brasil assume até mesmo uma posição ativa nesse processo renovador, contribuindo, a

1 Institut für hymnologische und musikethnologische Studien da organização pontifícia de música sacra, com centros de estudos em Colonia e Maria Laach, cujos trabalhos foram encerrados em 2002.

partir de sua perspectiva peculiar e sobretudo com a autoridade que lhe confere a sua extraordinária cultura musical, à superação de problemas que se constataam nas discussões teóricas e metodológicas do presente².

Não é de hoje, certamente, a convicção da necessidade de procedimentos inter- e transdisciplinares na musicologia, tanto relativamente às subdivisões e áreas da própria matéria, tanto em função de seu relacionamento com outras disciplinas, em particular no âmbito das ciências culturais ou humanas³. A virulência atual da situação alemã, que tem levado a polêmicas singularmente emocionalizadas nos meios especializados, criado facções antagônicas nas universidades e dividido até mesmo as opiniões estudantil e pública através de manifestações e de comentários na imprensa, explica-se pela natureza ainda altamente hierárquica do sistema universitário germânico, sedimentado, no caso, pelas divisões tradicionais da matéria, geralmente organizada nas áreas de musicologia histórica, musicologia sistemática e etnomusicologia (ou, no passado, musicologia comparativa). Já há muito se critica a insuficiência dessas divisões, justificáveis em última instância sobretudo por razões pragmáticas de distribuição de assuntos e competências. Não sem a contribuição do Brasil, exercida através de congressos e publicações, demonstrou-se a necessidade de uma mudança de paradigmas no estudo da História da Música, a qual deveria fundamentalmente incluir os processos histórico-musicais desencadeados pelos contatos entre a

2 Esse papel é desempenhado sobretudo através de colóquios e simpósios internacionais realizados pela Academia Brasil-Europa de Ciências da Cultura e da Ciência, instituição que mantém um centro de estudos em Colonia, República Federal da Alemanha. O mais recente desses eventos foi motivado pelos 450 anos de São Paulo e levado a efeito em São Paulo e no Rio de Janeiro, em março de 2004. Cf. *Poética da Urbanidade: Materiais para o Colóquio Internacional de Estudos Interculturais pelos 450 anos de São Paulo*, Akademie Brasil-Europa für Kultur-und Wissenschaftswissenschaft e Instituto Brasileiro de Estudos Musicológicos, Colonia: I.S.M.P.S. 2004.

3 O autor já se ocupou com esse problema em 1973, no âmbito das discussões relativas à introdução da Licenciatura em Educação Artística na Faculdade de Música do Instituto Musical de São Paulo. Cf. A. A. Bispo, "Interdisciplinaridade e Polivalência", in: H. Huelskath (Ed.), *Brasil/Europa & Musicologia*, Colonia: ISMPS 1999, 152-155.

Europa e as culturas não-européias⁴. Também já se levantou a necessidade de uma maior atenção a processos históricos no âmbito da Etnomusicologia.

Hoje, porém, observa-se não uma aproximação interdisciplinar das várias áreas, mas sim uma radicalização de posições. A Musicologia Histórica surge como a área dos estudiosos conservadores por excelência, preocupados com a manutenção dos cânones da disciplina, com a presença dos grandes vultos da história da composição musical europeia na pesquisa e no ensino da matéria, com arquivos, com a edição de monumentos musicais e de manuscritos do passado, com problemas da conservação do patrimônio cultural e espiritual da Europa, avessos, – com exceções –, a questionamentos teóricos mais amplos e a reflexões culturológicas. A Etnomusicologia, por sua vez, apesar de ter sido a área de onde se levantaram as vozes mais críticas com relação à Musicologia Histórica, tida como eurocêntrica, passou a ser recentemente alvo de oposições que até mesmo colocam em questão a sua razão de ser. Um recente artigo a respeito na mais conceituada publicação especializada da Alemanha⁵ deu origem a uma polêmica que ocupou os etnomusicólogos do país, preocupados com o futuro da disciplina e da sua profissão⁶. Justamente essa área musicológica, que desde meados da década de setenta tem tentado superar a antiga Musicologia Comparativa e correntes do Folclore (Völk Kunde) e da Etnografia (Völkerkunde), aproximando-se da Antropologia da Música segundo concepções norte-americanas, passa a

4 O autor já se ocupou com esse problema em 1973, no âmbito das discussões relativas à introdução da Licenciatura em Educação Artística na Faculdade de Música do Instituto Musical de São Paulo. Cf. A. A. Bispo, *Interdisciplinaridade e Polivalência*. In: H. Huelskath (Ed.), *Brasil/Europa & Musicologia*, Colonia: ISMPS 1999, p. 152-155.

5 Martin Greve, “Writing against Europe: Vom notwendigen Verschwinden der Musikethnologie”, *Die Musikforschung* 55/3(2002), 239-251.

6 Cf. Rudolf M. Brandl, “Si tacuisses Greve - der notwendige Erhalt der Musikethnologie”, *Die Musikforschung* 56/2(2003), 166-171, e Klenke, Kerstin, Koch, Lars-Christian, Mandivil, Julio, Schumacher, Rüdiger e outros, “Totgesagte leben länger - Überlegungen zur Relevanz der Musikethnologie”, *Die Musikforschung* 56/3(2003), 261-271.

ser criticada pela manutenção de paradigmas científicos ultrapassados. A Etnomusicologia subentenderia uma divisão da Musicologia em áreas baseada na distinção do Europeu e do Não-Europeu e na categorização de esferas da cultura (erudita, popular e tradicional), sedimentando concepções teóricas e procedimentos que necessitariam ser revistos.

A solução que tem sido sugerida para a superação dos problemas de atualização teórica e metodológica da Musicologia no seu todo reside na sua orientação transdisciplinar, decididamente científico-cultural e associada à ciência da mídia (Kulturwissenschaft e Medienwissenschaft). Não mais a análise da música como fenômeno sonoro em si, mas sim da música como elemento de processos culturais de relevância para o presente passou a estar no centro das atenções. Essa reformulação da disciplina enquadra-se na reestruturação geral do sistema universitário alemão, hoje procurando-se adaptar a currículos e titulações vigentes em outros países europeus. A nova orientação da Musicologia nas universidades deverá possibilitar também um preparo mais realista dos estudantes para o mercado de trabalho, hoje sobretudo dominado pela música popular.

Neste quadro geral, torna-se compreensível o papel preponderante do debate científico-cultural de base no âmbito da Musicologia. Não se trata, obviamente, de mera consideração de contextos culturais no estudo da música. Também não se trata de uma simples mudança do nome de Ciências Humanas ou Ciências do Espírito (Geisteswissenschaften) para Ciências da Cultura, nas quais a Musicologia se insere. Trata-se, sim, da discussão do relacionamento da matéria com uma Ciência da Cultura (no singular) ou Culturologia, complexo disciplinar que se coloca cada vez mais no centro das atenções e que se encontra ainda em dinâmico estado de definição conceitual e metodológica. Parte-se do princípio, porém, que a Ciência da Cultura já apresenta, na Alemanha, conotações que a diferenciam da tradição britânica e norte-americana dos “Cultural Studies”⁷. Por

7 Cf. Udo Göttlich e Carsten Winter, “Wessen Cultural Studies? Die Rezeption der Cultural Studies im deutschsprachigen Raum”, in: Roger Bromley, Udo Göttlich, Carsten Winter (Ed.): Cultural Studies.Grundlagentexte zur Einführung, Lüneburg: zu Klampen 1999, 25-39.

essa razão, utiliza-se esta denominação para deixar claro o direcionamento teórico-político que se pretende dar à renovação teórica da Musicologia. Inserindo-a nessa corrente, manifesta-se uma posição fundamentalmente crítica com relação à estrutura disciplinar das Ciências Humanas, a procedimentos metodológicos convencionais, a julgamentos de valor e a preconceitos vistos como elitistas. Essa denominação já indica, por si, que se pretende colocar em questão um conservadorismo que seria em geral inerente às disciplinas acadêmicas, resultado de uma cooperação irrefletida com uma determinada política de exclusão social e sociocultural e de conseqüente reclusão intelectual⁸. Seguindo a tradição britânica e norte-americana dos “Cultural Studies”, a atenção se dirige sobretudo ao Popular, focalizando fenômenos e processos culturais pouco considerados no passado, tais como aqueles vistos como triviais, banais, ou próprios de classes operárias, de subculturas e minorias. O termo “Cultural Studies”, na acepção que foi-lhe dada desde 1964 pelo “Birmingham Centre for Contemporary Cultural Studies”, passa a ser, assim, um conceito condutor de estudos altamente diversificados⁹. Os principais temas tratados dizem respeito às diferenças culturais, tais como questões relativas à alteridade, a mentalidades e à xenologia¹⁰. Apesar de todas as distinções teóricas, aceita-se, em geral, a noção de cultura como texto, considerando sobretudo posições francesas e norte-americanas, tais como a análise de discurso de Michel Foucault e os conceitos antropológico-culturais de James Clifford¹¹ e Clifford

8 Cf. Göttlich, Udo, “Unterschiede durch Verschieben: Zur Theoriepolitik der cultural Studies”, in: Engelmann, Jan (Ed.), *Die kleinen Unterschiede: Der Cultural Studies-Reader*, Frankfurt a.M./New York: Campus 1999, 49-63.

9 Cf. Bromley, Roger, “Cultural Studies gestern und heute”, in: Roger Bromley, Udo Göttlich, Carsten Winter (Ed.): *Cultural Studies.Grundlagentexte zur Einführung*, op.cit. 9-24.

10 Alguns desses temas foram discutidos, no Brasil, no âmbito do Congresso Internacional de Estudos Euro-Brasileiros, realizado em 2002 no Rio Grande do Sul, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Cf. *Musik, Projekte und Perspektiven: Postkolonialismus/Kulturidentät/Immigration; Rural/Tribal; Memoria/Zukunft*, Aus dem Internationalen Kongreß Euro-Brasilianischer Studien 2002 zum Abschluß des Trienniums interdisziplinärer Tagungen, Colonia: I.S.M.P.S. 2003.

11 *The Predicament of culture. Twentieth-Century Ethnography, Literature and Art*, Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press 1988.

Geertz¹². No âmbito da Musicologia, tem-se dado especial atenção à noção de cultura como representação, discutindo-se em particular o conceito de Performatividade. Assim, rituais e expressões populares de cunho dramático e/ou de encenação já há muito consideradas pela Etnologia e pelo Folclore passam a ser reestudadas sob esta categoria orientadora. Com este conceito, a Musicologia entendida culturologicamente assume uma perspectiva própria dos Estudos de Gênero (Gender Studies), sendo que a focalização das diferenças culturais se vincula, no caso, com o interesse dirigido à questão da polaridade ou da binaridade conotada sob o ponto de vista do Gender¹³. Estudos do papel da música no processo de identificação cultural seguem, assim, muitas vezes, modelos performativos desenvolvidos sob o prisma da identidade sexual.

Apesar das possibilidades integrativas proporcionadas por essa perspectiva no quadro das múltiplas posições no âmbito dos “Cultural Studies”, critica-se cada vez mais a heterogeneidade dessa transdisciplina, fato implícito na sua própria denominação, por demais genérica e imprecisa. Para superar essa falha, tem-se preferido o termo Análise Cultural, um conceito, aliás, já discutido no Brasil desde 1968¹⁴. Em geral, a discussão orienta-se, aqui, segundo perspectivas desenvolvidas por Mieke Bal, diretora do “Amsterdam School for Cultural Analysis” (ASCA), fundada por ela em 1993, juntamente com o filósofo Hent de Vries e o antropólogo Peter van de Veer. Nas suas obras, entre outras “Narratology” (1985/1997)¹⁵, Reading Rembrandt (1991)¹⁶, Double Ex-

12 Cf. Dichte Beschreibung: Beiträge zum Verstehen kultureller Systemem, Frankfurt a. M. 1987.

13 Cf. Viktoria Schmidt-Linsenhoff, “Kulturwissenschaften/Cultural Studies”, in: Renate Kroll (Ed.), Metzler Lexikon, Gender Studies, Geschlechterforschung, Stuttgart/Weimar: J.B.Metzler 2002, 222-224, 222.

14 No âmbito da Sociedade Nova Difusão Musical, fundada em São Paulo e responsável pela criação do primeiro Centro de Pesquisas em Musicologia do país.

15 Narratology. Introduction to the Theory of Narrative [1985], Toronto: University of Toronto Press, Nova edição, revista e ampliada 1997.

16 Reading “Rembrandt”. Beyond the Word-Image Opposition, New York: Cambridge University Press 1994 [1991].

posures. “The Subject of cultural Analyses” (1996)¹⁷ e *Quoting Caravaggio: Contemporary Art, Preposterous History* (1999)¹⁸, e sobretudo através de estudos da Poética visual, M. Bal tem procurado salientar o papel fundamental exercido pelos conceitos na Análise Cultural, entendida como ação de exame pormenorizado de objetos culturais. Os conceitos, segundo ela, desempenham o papel de um terceiro parceiro entre o pesquisador e o objeto de estudo, desencadeando processos altamente produtivos. Para isso, porém, devem ser continuamente observados e não aplicados de forma teoretizante, como etiquetas, mas sim, “confrontados, de modo a permitir que o objeto de estudo, responda” na dinâmica interação de um constante processo reflexivo¹⁹. Essa concepção, não totalmente nova, tem-se revelado altamente produtiva nas análises culturais de cunho musicológico e nos estudos musicológicos fundamentados em análises culturais. Da mesma forma, tem-se procurado evitar, como M. Bal com relação a figuras ou citações, o emprego da música como mera ilustração ou simples exemplo em estudos culturais.

A contribuição mais significativa do pensamento de M. Bal para a discussão musicológica da atualidade tem sido aquela relacionada com as suas concepções narratológicas. A autora faz diferença, na narração, entre o sujeito que fala – a voz – e o sujeito que vê “ou focaliza”. Ela contrapõe, aqui, um princípio verbal ou sonoro a um princípio visual. Como M. Bal não considera a narração apenas como sendo um gênero literário ou verbal, mas sim como uma espécie de discurso ou modo medial que também vale para fotografias, encenações, ações e todos os “artefatos culturais que contam uma estória”,²⁰ as suas considerações são altamente significativas para a musicologia que dirige a sua atenção à análise cultural de expressões dramáticas ou

17 Double Exposures. *The Subject of Cultural Analysis*, New York: Routledge 1996.

18 *Quoting Caravaggio. Contemporary Art, Preposterous History*, Chicago: University of Chicago Press 1999.

19 M. Bal, *Kulturanalyse*, op.cit. 18.

20 M. Bal, *On Story-Telling: Essays in Narratology*, Sonoma (California) 1991, 75-109.

coreográficas, tais como autos populares e danças e manifestações lúdicas tradicionais. A narratologia de M. Bal surge como instrumento analítico útil para interpretações musicológicas plausíveis de fatos culturais. Como a autora salienta, essa plausibilidade representa uma expressão de comunicabilidade intersubjetiva, fundamental característica do procedimento analítico. A intersubjetividade deve ser compreendida como possibilidade de discussão entre sujeitos além de fronteiras disciplinares, institucionais ou históricas.

Por mais relevantes e úteis que sejam as proposições de M. Bal, elas se revelam, entretanto, passíveis de críticas e correções, algumas delas de natureza básica. Para tal, os estudos culturais brasileiros de cunho musicológico levantam questões e abrem novas perspectivas para um debate mais profundo e pormenorizado. Assim, por exemplo, a narratologia de M. Bal não é entendida como sistematização abstrata e descritiva de estruturas narrativas universais e transhistóricas ou de tipologização. No entanto, considerando o fato de que várias expressões dramáticas, coreográficas e lúdicas da cultura brasileira foram empregadas no processo de cristianização do país no período colonial, e portanto implantadas consciente ou inconscientemente em mecanismo cultural quase que de natureza pedagógica, torna-se necessário, antes de mais nada, que se compreenda a natureza tipológica/antitipológica de tais representações culturais,²¹ pois foi justamente essa qualidade do sistema de ordenação simbólica dessas expressões culturais que possibilitou a transformação cultural e/ou a metanóia dos indígenas na ação missionária²².

Esse mecanismo transformador inerente a tais expressões culturais não é apenas válido para o Brasil. Ele deve ser consi-

21 O autor analisou esse mecanismo em: *Typus und Anti-Typus: Analyse symbolischer Konfigurationen und Mechanismen zur Erschliessung neuer komparatistischer Grundlagen für den interreligiösen Dialog und den Dialog der Kulturen*, Colonia: I.S.M.P.S. 2003.

22 Cf. A. A. Bispo, "Interaktionen von Systematik und Geschichte in der Analyse musikhistorischer Mechanismen transformatorischer Kulturidentitäten: Maraca und Viola", in: *Musik, Projekte und Perspektiven*, op.cit..

derado em análises culturais de outros países latino-americanos e de todos os processos culturais decorrentes de catequese e de encontros não-dirigidos de culturas religiosas não-cristãs com o cristianismo. A consideração desse mecanismo intrínseco de transformação cultural falta na teoria da análise cultural de M. Bal, o que a torna inadequada para estudos culturais globais. Esse fato não diminuiria o mérito e a utilidade de seus enfoques e proposições, caso a sua metodologia fosse considerada dentro de uma necessária contextualização cultural e, portanto, relativada²³. Entretanto, ela corre o perigo de ser considerada como de validade universal, apta a análises culturais em todas as situações e todos os contextos.

Assim, por ter sugerido a idéia dos “conceitos viajantes”, das noções que se locomovem entre as várias disciplinas e se transformam,²⁴ e por tê-la desenvolvido em atividades exercidas em vários países da Europa e da América do Norte, M. Bal surge como uma praticante de estudos culturais transnacionais²⁵. Mais especificamente, porém, as suas reflexões dizem respeito a obras e a instituições do mundo ocidental, ou melhor, de determinados segmentos de processos culturais euro-norte-americanos.

Nesses aspectos questionáveis da metodologia analítico-cultural, segundo a Escola de Análise Cultural de Amsterdam, e que aqui apenas puderam ter sido considerados de forma pontual e de passagem, revela-se um dos problemas fundamentais do movimento de renovação das disciplinas culturais na Europa, em particular da musicologia. Apesar de todo o posicionamento crítico com relação às estruturas disciplinares convencionais, aos julgamentos de valor e aos preconceitos culturais, apesar de toda a crítica com relação à Musicologia Histórica, tradicionalmente centralizada na Europa, e à Etnomusicologia, que pressupõe essa

23 Cf. Friedrich Kittler, *Eine Kulturgeschichte der Kulturwissenschaft*, München: Fink 2000.

24 Cf. Joyce Goggin, Sonja Neef (Ed.): *Travelling Concepts I. Text, Subjectivity, Hybridity*, Amsterdam: ASCA 2001.

25 Cf. Thomas Fechner-Smarsly e Sonja Neef, “Kulturanalyse: Zur interdisziplinären Methodologie Mieke Bals”. Mieke Bal, *Kulturanalyse*, op.cit., 335-356, 337.

focalização dentro do sistema tradicional de divisão da matéria, corre-se o perigo de um novo eurocentrismo e colonialismo cultural em recentes tendências do pensamento e da prática universitária. Aqui cabe, portanto, a países como o Brasil, portadores de perspectivas resultantes de outras situações e que apresentam um significativo desenvolvimento da reflexão teórico-cultural, o direito de apontar reducionismos em propostas teóricas e a responsabilidade de oferecer contribuições à discussão renovadora das ciências da cultura sob as condições globalizantes da atualidade.